



# Goffredo, 100 anos

**ANA LUIZA MARTINS E HELOISA BARBUY**

Os estudantes que, de 1940 até 1990, ingressaram na Faculdade de Direito da USP receberam, logo no primeiro ano, as aulas de Introdução à Ciência do Direito do professor Goffredo Telles Junior, nas quais sentiam que algo superior ia se processando, pela formulação de uma lógica que falava de princípios, de valores, de ética —do Direito como instrumento de Justiça.

A fala compassada, a voz suave, o olhar afetuoso parecem ainda reverberar pelas arcadas sob as quais tantas vezes o professor Goffredo discursou ou saudou seus alunos, um lugar de tantos significados.

Neste sábado, 16 de maio de 2015, completam-se cem anos do nascimento do professor Goffredo.

Sua singular trajetória se definiu desde a infância quando ele e o irmão, Ignacio, viveram em Paris, passando, depois, pela convivência com artistas de vanguarda no Salão Moderno de sua avó Olívia Penteado e pela fazenda de Araras, o pai ensinando-lhe paixão e método nos estudos. Tudo isso fez dele herdeiro de uma formação ímpar.

Amorosamente absorveu como ninguém os ensinamentos, que transbordaram para ideais generosos no ensino, na advocacia, na política e nas relações pessoais.

Ainda menino, adquiriu o hábito da leitura de jornais. Os questio-

## **Dimensionar as atuações do professor Goffredo Telles Junior é retrair a história do século 20, vivenciada por quem tomou parte nela**

amentos sobre a liberdade humana também surgiram cedo, no ginásio São Bento, onde os mestres o arrebatarem para a filosofia.

As revoluções de 1930 e 1932 e o ingresso em 1933 na Faculdade de Direito figuram como ritos de passagem. À primeira assistiu ciente de que, pela primeira vez, se ouvia falar de povo. Na segunda, presenciou o clamor popular e serviu no front.

Ato contínuo, o ingresso nas Arcadas. Nas suas palavras: “Minha casa, minha escola, minha egrégia academia”. Dimensionar as atuações do professor Goffredo é retrair a história do século 20, vivenciada por quem tomou parte nela, na emergência de novas correntes políticas, num quadro internacional mais complexo e diante de uma São Paulo contrária à centralização do poder.

Nesse percurso, foi advogado, político e, acima de tudo, professor. Como advogado, instalou-se, ainda quintanista, no escritório da praça da Sé. Deputado federal na Constituinte de 1946, defendeu causas de interesse nacional.

Foi, contudo, o magistério que lhe permitiu formar gerações tocadas pela beleza do Direito. Ao final da carreira, foi saudado pelos alunos como “professor-símbolo” e reconhecido pela Universidade de São Paulo como professor emérito.

Goffredo teria seu protagonismo inscrito na história da democracia do país em 8 de agosto de 1977, data da leitura da sua “Carta aos Brasileiros”. O lugar e a ocasião não podiam ser mais simbólicos: o território livre da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco nos 150 anos dos cursos jurídicos no Brasil.

A escola voltava a ser o espaço simbólico de retomada do Estado de Direito. Era de novo o recinto de onde deslançaram as campanhas abolicionista e republicana e no qual uma mocidade aguerrida se opusera à ditadura de Getúlio Vargas.

Foi naquela tribuna que permaneceu na memória de muitos a figura bonita, altiva sem arrogância, poderosa sem investidura de cargo do querido professor. Se José Bonifácio, o moço, foi o professor carismático do século 19, Goffredo o seria para o século 20. Foi um grande.

Nos dias de hoje, que falta nos faz o professor Goffredo!

ANA LUIZA MARTINS e HELOISA BARBUY, doutoras em história pela USP, são autoras de “Arcadas - História da Faculdade de Direito da USP” (ed. Melhoramentos)